



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 6, v. 1 | nov 2016.-abr. 2017
p. 179-197.

“O São João é gay!!”: horizontes interpretativos sobre as performances trans na festa junina no Ceará

Hayeska Costa Barroso¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo tecer reflexões iniciais sobre as performances trans na festa junina no Ceará, particularmente a partir do protagonismo de travestis, drag queens e transexuais neste cenário, no ano de 2015. O recorte empírico, neste primeiro momento, toma por base o trabalho de campo em dois concursos nos quais foram escolhidas a Miss Caipira Gay 2015, promovido pela Quadrilha Ceará Junino, e os Destaques Fequajuce (Federação de Quadrilhas Juninas no Ceará) 2015, dentre eles a Rainha da Diversidade. Além dessa imersão, foi entrevistado o atual representante cearense no Primeiro Concurso Nacional para a escolha da Rainha Gay do Brasil, o qual performatiza a Diva Adriana Séfora. As performances trans nos festejos juninos ratificam o pressuposto teórico de que, sim, todas as identidades de gênero são instáveis e encerram possibilidades de agência e subversão por parte dos indivíduos, isso porque não estamos falando de uma simples encenação de um processo histórico em constante devir. A instabilidade dos binarismos assentados na lógica homem-macho e mulher-fêmea e gay e hétero confirmam o paradoxo do gênero nas festas juninas: as performances trans só devem ser consideradas subversivas quando puserem em xeque esses mesmos binarismos e não quando o reforçarem. Se não são de todo subversivas, pois não permitem a descaracterização da díade masculino/feminino, explícita por meio das coreografias e indumentárias, ao menos os desestabilizam.

PALAVRAS-CHAVE: Performance. Festa Junina. Gênero.

Abstract: This article aims to weave initial reflections on a homosexual appropriation of June celebration in Ceará, particularly since the role of trans performances undertaken by gay subjects, transvestites, drag queens and transsexuals in this scenario, in the year 2015. The empirical cut, at this moment, is based on fieldwork in two competitions in which were chosen “Miss Caipira Gay” in 2015, promoted by Quadrille Ceará Junino, and Fequajuce, in 2015, among them the Queen of Diversity. In addition to this immersion, I interviewed the current representative in the First National Competition for choosing the Queen Gay Brazil, which performatizes the Adriana Séfora. Trans performances in June festivities confirm the theoretical assumption that, yes, all gender identities are unstable and contain possibilities of agency and subversion by individuals, that because we are not talking about a simple staging of a historical process in constant becoming. The instability of binarisms seated in man-male logic and female-female and gay and straight confirm the paradox of gender in June festivals: the trans performances should only be considered subversive when they put in check those same binaries and not when strengthen. If they are not at all subversive because it does not allow the characterization of the male dyad / female, explicit through choreographies and costumes, at least the destabilizing.

Keywords: Performance. June Festivities. Gender.

Resumén: Cet article vise à tisser des réflexions initiales sur une appropriation homosexuelle de célébration Juin à Ceará, en particulier depuis le rôle des performances trans entreprises par des sujets homosexuels, travestis, drag queens et transsexuelles dans ce scénario, en l'an 2015. La coupe empirique, à ce moment, est basé sur le travail de terrain dans deux compétitions dans lesquelles ont été choisies "miss Caipira Gay" en 2015, promu par Quadrille Junino Ceará, et Fequajuce, en 2015, parmi lesquels la reine de la diversité. En plus de cette immersion, j'ai interviewé le représentant actuel dans le premier concours national pour choisir la Reine Gay Brésil, qui performatize l'Adriana Sefora. Trans performances dans les festivités de juin confirment l'hypothèse selon laquelle, oui, toutes les identités de genre sont instables et contiennent des possibilités de l'agence et la

¹ Docente do Curso de Serviço Social da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mestre em Políticas Públicas e Sociedade pela UECE, Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Gênero, Família e Geração nas Políticas Sociais (CNPq). E-mail: hayeskacb@gmail.com

Recebido em 12/09/16
Aceito em 07/11/16

subversion par des individus, parce que nous ne parlons pas d'une mise en scène simple d'un processus historique en constant devenir. L'instabilité de binarismes assis dans la logique de l'homme mâle et femelle-femelle et gay et droit confirmer le paradoxe du genre dans les festivals de juin: les performances trans ne devraient être considérés comme subversive quand ils ont mis en échec ces mêmes fichiers binaires et non pas quand renforcer. Si elles ne sont pas du tout subversif parce qu'il ne permet pas la caractérisation du mâle dyade / femelle, explicite à travers des chorégraphies et des costumes, au moins déstabilisante.

Palabras clave: Performance. Festivités Juin. Genre.



1. Introdução

O presente texto tem por objetivo tecer reflexões iniciais sobre uma apropriação homossexual² da festa junina no Ceará, particularmente a partir do protagonismo de performances trans empreendidas por travestis, drag queens e transexuais neste cenário, no ano de 2015. O recorte empírico, neste primeiro momento, toma por base o trabalho de campo em dois concursos nos quais foram escolhidas a Miss Caipira Gay 2015, promovido pela Quadrilha Ceará Junino, e os Destaques Fequajuce³ (Federação de Quadrilhas Juninas no Ceará) 2015, dentre eles a Rainha da Diversidade. Além dessa imersão, entrevistei o atual representante cearense no Primeiro Concurso Nacional para a escolha da Rainha Gay do Brasil, o qual performatiza a Diva Adriana Séfora.

Se, a priori, é possível considerar que na manifestação popular junina está presente a exigência por uma heteronormatividade compulsória, em que os papéis de homens e mulheres estão fixamente definidos e estruturam a encenação da festa; como, nesse sentido, pensar a presença de travestis, transformistas e dragqueens e sua capacidade de “por em xeque”, de “embaralhar os signos” (JAYME, 2001) normalmente atribuídos ao masculino e ao feminino no marco binário estruturado e estruturante (BOURDIEU, 2007) do gênero nos festejos juninos? Em que medida a visibilidade alcançada por meio do circuito oficial dos festejos juninos para aqueles performers se reproduz durante todo o ano? Como tais performances de gênero são apropriadas pelos corpos que, no contexto heteronormativo, seriam inconformes? Seria aquela “exposição glamourizada/espetacularizada” capaz de desestabilizar e/ou transgredir o código binário de gênero assentado numa heteronormatividade da festa junina? Qual seria o alcance subversivo ou legitimador dessas performances (COELHO, 2009)? Reconheço, contudo, o caráter exploratório da análise tecida neste momento, bem como a complexidade das questões que, por ora, ainda se revelam de modo embaralhado e confuso.

Dentre tantos aspectos que merecem atenção no tocante à tradição de uma expressão da cultura popular como a festa junina, encontra-se a fixação e/ou rigidez dos papéis de gênero sobre os quais se organiza a encenação do espetáculo através das apresentações das quadrilhas juninas em

² Faço uma analogia direta à expressão de James N. Green (2000), quando o mesmo se reporta à apropriação homossexual do carnaval carioca no século XX.

³ Destaques Fequajuce é um evento que ocorre anualmente, promovido pela Federação das Quadrilhas Juninas do Ceará, no qual são escolhidos os “melhores do São João” nas categorias: Princesa, Casal de Noivos Infantil, Casal de Noivos Adulto, Rainha e Rainha da Diversidade.



festivais, concursos e/ou competições. Independente da quantidade de pares⁴, uma apresentação costuma contar com algumas etapas: entrada no arraíá, cumprimento ao público, encenação do casamento, execução dos passos de dança (ou “evolução” da quadrilha), apresentação da rainha e despedida. Os pares devem ser compostos por um homem e uma mulher, ou sujeitos que cumpram tais papéis, respectivamente. As mulheres com belos vestidos, saltos altos, maquiagem e cabelo impecáveis, a ornar as saias rodadas (geralmente com o suporte de anáguas e arames) e coloridas que irão parecer ganhar vida própria durante a execução dos inúmeros passos da dança. Os homens, com vestes igualmente coloridas, usam calça, camisa, colete e chapéu, e têm a responsabilidade de representar o há de mais viril do “cabra macho” do nordeste, o “verdadeiro homem” (MISKOLCI, 1999). Esses parecem ser elementos capazes de conferir ares tradicionais à festa e estão no bojo da trama das feições daquilo que é considerado tradicional nesse espetáculo. Parecem ser papéis fixos. Mas apenas parecem sê-lo.

É possível observar, contudo, que dentre os novos sujeitos e identidades forjadas nas festas juninas, àquelas reservadas às questões de gênero parecem estar em questão. Não com relação ao fato de as quadrilhas juninas continuarem a se apresentar com base nos pares de “damas e cavalheiros”. As performances trans se fazem presentes e se fazem sentir nesse contexto reinventado, de modo a alterar os sentidos mesmo da tradição.

A participação de homossexuais masculinos e sujeitos “trans” nos grupos de quadrilha junina não se limita à realização de performances trans nas quadrilhas e/ou concursos “gay” e “trans”; ela se estende de modo mais ampliado à presença majoritária de homossexuais na produção técnica da própria festa junina, a saber, desenho e confecção de figurinos, maquiagem, coreografia. Trata-se, portanto, de uma apropriação que extrapola o âmbito das performances cênicas das/nas quadrilhas juninas, mas que também ocupa os bastidores da festa, sua produção e também o seu consumo.

No que diz respeito ao percurso metodológico traçado até aqui, lanço mão das observações e anotações de diário de campo empreendidas ao longo de minha pesquisa de dissertação de mestrado⁵, além do retorno ao campo da pesquisa durante o primeiro semestre de 2015. Confesso que os últimos meses foram de intensos trabalhos e ainda inexploradas descobertas.

⁴ As maiores e mais destacadas quadrilhas juninas do Ceará se apresentam com mais de setenta pares. No contexto quadrilheiro, a assertiva é de que quanto maior a quantidade de pares (membros) brincantes, mais estilizada é a quadrilha, maior também é o espetáculo apresentado por ela. Não se estipula, como regra geral, um número mínimo de pares. No entanto, os grupos não costumam dançar com menos de vinte pares.

⁵ Neste trabalho, realizei um estudo sobre as apropriações do discurso da tradição por parte dos grupos de quadrilhas juninas como elemento de distinção de si em relação aos demais.



Desde o mês de janeiro, acompanho, por meio das redes sociais, o movimento em torno da organização e preparação dos festejos juninos. Assim, os vídeos de ensaios, a escolha de temáticas, o suspense em relação à confecção dos figurinos e indumentárias, o repertório, as intrigas e discussões online entre os membros dos grupos, a agitação em torno do “mercado das rainhas”⁶, a comercialização dos figurinos de anos anteriores, o vai e vem de brincantes entre os mais de duzentos grupos de quadrilhas juninas existentes do estado, as festas de lançamento e estréia, enfim, toda a movimentação característica do campo quadrilheiro junino cearense.

Dois momentos, especificamente, merecem relevo para a finalidade a qual ora me proponho: o Miss Caipira Gay 2015 e o Destaques Fequajuce 2015. Ambos os eventos, realizados no mês de maio, possuem grande visibilidade no meio junino e são considerados pré-festas ou festas de abertura do São João. Fiz-me presente nas duas festas e, àquele período, optei por não me identificar como pesquisadora a qualquer sujeito presente. Fui como público pela primeira vez. O Miss Caipira Gay é o concurso mais antigo do gênero no Ceará. Promovido pela Quadrilha Ceará Junino há cerca de treze anos, nele é escolhida a Rainha G ou Rainha Gay do São João. A campeã representa o Ceará no concurso nacional. O Destaque Fequajuce não é uma competição exclusiva entre Rainhas G, e envolve outras categorias; somente a partir de 2014 foi incluída a categoria Rainha da Diversidade.

2. Uma apropriação homossexual da festa junina: subversão e/ou legitimação?

Green (2000), ao analisar a homossexualidade masculina no Brasil do século XX, toma por referência a festa do carnaval carioca como marco para pensar a visibilidade dos sujeitos trans e um campo privilegiado de sociabilidade homossexual. Este autor, contudo, concentra sua análise na homossexualidade e, por vezes, opera deslizes conceituais em relação à identidade de gênero e à orientação sexual. É inevitável a leitura de sua obra, contudo, sem associá-la, em inúmeros aspectos, à festa junina no Ceará. Da mesma forma que no carnaval, senti como se houvesse uma sensação generalizada de que podiam “transgredir normas de masculinidade e feminilidade sem preocupação com a hostilidade social e punições.” (GREEN, 2000, p. 332).

⁶ Identifico como “mercado das rainhas” a intensa movimentação realizada entre as rainhas das quadrilhas juninas na mudança e troca de seus grupos. De um ano para outro, as rainhas podem mudar de quadrilha. Os critérios e as motivações para essa mudança são os mais diversos, desde o apelo e as ofertas financeiras oferecidos pelos grandes grupos às mesmas até iniciativas que partem das próprias rainhas de oferecer retornos financeiros para os grupos em troca do “posto” de rainha. As migrações também podem ocorrer de rainhas que se destacaram em grupos considerados menores, ou menos profissionais, para grupos maiores e com maior destaque no cenário quadrilheiro.



Desde a pesquisa realizada na dissertação, tive a oportunidade de ouvir de vários interlocutores, por diversas vezes, que a festa junina é como um carnaval, ou mesmo que o movimento junino está passando por um processo de carnavalização. Essa expressão sempre é evocada quando os sujeitos querem reforçar aspectos como a crescente mercantilização da festa, os enormes recursos financeiros que circulam e mantêm os grupos, a permanente incorporação de elementos ditos ‘carnavalescos’, como alegorias, cenários, plumas, fantasias, maquiagens vistas como exageradas, enfim. Qualquer quadrilheiro é capaz de enumerar alguns desses pontos, ou todos eles, como próprios a esse processo reconhecido como ‘carnavalização’ ou ‘espetacularização’ do São João.

O processo de espetacularização pelo qual tem passado a festa junina chama a atenção para o fato de que os indivíduos que realizam esta festa “podem dar inúmeras funções aos produtos padronizados que lhe são destinados, que podem diferir daquela função que havia sido projetada para eles” (CUCHE, 2002, p.191). A experiência do popular não é vivida pelos sujeitos populares, de fato, como “complacência melancólica para com as tradições” (CANCLINI, 2000, p.221).

Para Schechner (2012), “existe uma longa história de performances não-oficiais ‘tomando lugar’ em locais que não foram arquitetonicamente imaginados” (p.159). Pensando no contexto da festa junina, a performance oficial desse espetáculo estabelece um padrão fixo quanto aos papéis a serem desempenhados por homens e mulheres durante a quadrilha, afinal, a mesma se assenta numa dança de pares formada por damas e cavalheiros. Tal prática reiterativa, cujo objetivo estratégico é manter o gênero em sua estrutura binária, contudo, tem passado por transformações.

Conforme Butler (2013), a performatividade do gênero implica no reconhecimento de que

A performatividade não é, assim, um ‘ato’ singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas. E na medida em que ela adquire o status de ato no presente, ela oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição. Além disso, esse ato não é primariamente teatral; de fato, sua aparente teatralidade é produzida na medida em que sua historicidade permanece dissimulada. (BUTLER, 2013, p.166-167)

Logo, se a idéia de performance considera a existência de um sujeito anterior, preexistente, compreender o gênero em seu caráter performativo requer encará-lo como uma seqüência de atos, a qual não deve ser vista como algo a ser executado por um único ator/sujeito, na medida em que o próprio sujeito é um construto performativo. Assim, as identidades de gênero são também elas teatralizadas no cotidiano de forma reiterada.



Sara Salih (2013), ao analisar a obra de Butler e a teoria queer, afirma que “[...] o gênero é limitado pelas estruturas de poder no interior das quais está situado”, sem, contudo, “impedir as possibilidades de proliferação e subversão que se abrem a partir dessas limitações.” (SALIH, 2013, p.72). Ou seja, a subversão, ao mesmo tempo em que ‘encena’ identidades subversivas, as reprime e a (re)produz. A crescente regulamentação e ‘oficialização’ da festa junina também consolidou este espaço como lócus para uma experiência social e coletiva para a população LGBT.

Inúmeros concursos e competições figuram atualmente no circuito oficial de eventos juninos no Ceará (BARROSO, 2013). Os de maior destaque são os festivais, os quais, para a sua realização, recebem subsídios financeiros dos governos municipal e estadual, além do apoio das federações e entidades representativas do movimento junino no estado⁷. Os festivais são competições entre os grupos de quadrilha que levam em consideração uma série de quesitos julgados. Os locais de realização de tais eventos costumam ser ginásios poliesportivos, centros culturais, praças e logradouros públicos.

O concurso para a escolha da Rainha Caipira Gay também passou a figurar no rol dos eventos oficiais⁸ do São João cearense, mesmo sendo sua promoção realizada por um único grupo junino. O cartaz de divulgação do evento neste ano de 2015 o anunciava como a Pré-Festa Junina. E esta costuma ser uma característica da maioria dos Concursos Gay, eles são realizados antes do mês de junho, ou seja, antes de, oficialmente, ser dada a largada para o período oficial do São João. Embora esse o concurso promovido pela Quadrilha Ceará Junino seja o mais antigo, outras quadrilhas começaram a promover concursos da mesma natureza, tanto na capital como em cidades do interior. Na maioria das vezes, os concursos são estratégias para os grupos arrecadarem dinheiro para a montagem da produção da quadrilha, ou mesmo para fazerem o lançamento do seu novo repertório, ou anunciarem quem serão os noivos, a rainha, o marcador. As performances trans, portanto, não se tratam mais de performances outsiders⁹, mas de uma realidade estruturante dos festejos juninos, evidenciando uma “escorregadia ambigüidade de gêneros” (GREEN, 2000, p.356) no São João.

⁷ Sobre a dinâmica dessas instâncias representativas, teço uma análise na dissertação de minha autoria “Prepare seu coração pras coisas que eu vou contar: um ensaio sobre a dinâmica de organização das quadrilhas juninas no Ceará” (2013). Atualmente, o movimento junino cearense passa por uma transição e encontra-se dividido no que tange a duas entidades específicas, a saber: Fequajuce e União Junina do Ceará. A primeira, mais antiga, foi objeto de longas disputas políticas internas. A segunda surgiu há cerca de um ano como uma dissidência da primeira. Ambas desenvolvem trabalhos de filiação dos grupos juninos e de promoção de festivais em todo o estado. A relação entre elas tem sido marcada por conflitos e tensões.

⁸ Diferente dos festivais de quadrilha junina, os concursos para a escolha de Rainha G se realizam em casas de shows e eventos privados, locais “estranhos” ao cenário junino convencional. Outra questão importante de ser mencionada diz respeito ao fato de os concursos para Rainha Gay cobrarem o valor do ingresso, prática não recorrente nos festivais.

⁹ Pelo estágio ainda exploratório no qual a pesquisa se encontra, não saberia precisar quando tais práticas passaram a compor o cenário junino, e como se deu a receptividade do público e dos próprios quadrilheiros em relação a isso. Por ora, se o mais



Nesse sentido, Le Breton (2012) menciona um “código moral das aparências”, em que “a ação da aparência coloca o ator sob o olhar apreciativo do outro e, principalmente, na tabela do preconceito que o fixa de antemão numa categoria social ou moral conforme o aspecto ou detalhe da vestimenta, conforme também a forma do corpo ou do rosto” (p. 78). A maquiagem e os adereços seriam capazes de padronizar o corpo feminino na festa junina, de produzir uma *imagem ambivalente* (LE BRETON, 2012) das damas?

Parto do pressuposto de que, por mais que se crie uma imagem unificada da ‘mulher’, os sujeitos trans também revelam a distinção dos aspectos da experiência do gênero que são naturalizados com uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual (BUTLER, 2003). O corpo emerge, portanto, como uma falsa evidência, uma estrutura simbólica, lócus do cruzamento de todas as instâncias da cultura.

Em relação à ideia da fixidez que o padrão binário homem-mulher estabelece no cenário junino, não é possível desconsiderar que a “construção histórica e cultural da identidade do nordestino” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003) faz um paralelo

[...] às representações do verdadeiro homem – do corpo musculoso, da obrigação da conquista e do domínio – faz parte da auto-representação, da subjetivação identitária moldada por mecanismos regulatórios que impõem modelos inseridos em regimes de verdade que mal começamos a desconstruir. As representações sociais sobre o que é um homem de verdade são poderosas. (MISKOLCI, 1999, p. 688)

Considero, assim, que no cenário junino as “identidades teatralizadas são uma prática” (VALE, 2005). Logo,

Não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidades verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória. Os gêneros não podem ser verdadeiros nem falsos, reais nem aparentes, originais nem derivados (BUTLER, 2003, p. 201)

antigo concurso já tem mais de dez anos desde quando foi realizado pela primeira vez, suponho que a transição do final dos anos 1990 e início dos anos 2000 seja determinante nessa delimitação sócio-histórica.



3 Miss Caipira Gay e Destaque Fequajuce: Performances queers em evidência

Cheguei à casa de shows Armazém, localizada nas imediações do Centro Dragão do Mar, por volta das dez e meia da noite. O movimento de pessoas já era intenso. Minha expectativa, enorme. No total eram oito concorrentes. O local não chegou a me fazer lembrar uma noite de festa junina, a não ser pela decoração de um de seus ambientes. Na verdade, me senti numa boate gay, à espera de um espetáculo trans. Se não fossem as bandeirinhas e o forró que tocava, parecia mesmo um daqueles ambientes descritos na pesquisa da Juliana Justa Coelho. Havia ali certa permissividade e tolerância às demonstrações e trocas de carinho entre gays. Ninguém ficava olhando e eles não se escondiam. Adorei o clima à vontade. Fiquei me perguntando se todas aquelas pessoas possuíam, de fato, alguma relação com a festa de São João. O concurso ficou concentrado em apenas um ambiente da casa de shows e lá o grupo de regional da Quadrilha Ceará Junino já tocava. As candidatas chegaram por volta da meia noite. A cada uma que chegava, fazia-se sentir o burburinho entre o público presente. Elas se dirigiam diretamente ao camarim. Eram as estrelas da noite. À medida que chegavam, eu conseguia reconhecer cada uma. Sinto, agora, como foi importante ter acompanhado todo o preparatório para aquele evento por meio das redes sociais e, inclusive, ter algumas das concorrentes já adicionadas ao meu rol de amigos virtuais. (Nota de Diário de Campo, 17 de maio de 2015)

As duas noites de realização dos concursos foram, por assim dizer, minha estréia no campo da pesquisa. Tudo foi digno de nota, embora reconheça que as mesmas precisam de maior trato e análise mais relacional a posteriori. Ainda assim, evidencio nas próximas linhas parte significativa desses espaços alargados de trocas e vivências sociais e coletivas.

A realização do Miss Caipira Gay 2015 fez a linha do tempo de minhas redes sociais acompanhar a euforia e a expectativa de sua realização. Enquetes eram feitas para competições prévias entre as concorrentes, cada uma enfatizava que sua apresentação traria novidades, mobilizavam público e torcidas para se fazer presentes no dia.

Como pude registrar em diário de campo, a chegada das concorrentes ao local é bastante simbólica. Elas não chegam ao local já “montadas” com o figurino que será usado na apresentação; mas isso não significa que não já venham produzidas, maquiadas, de saltos altíssimos, com peruca e arranjos de cabeça devidamente ornados. Algumas utilizam um hobby de cetim, com seus nomes grafados em bordados, por sobre a vestimenta; outras optam por usar outras roupas que não a que será utilizada no momento do espetáculo. Todas, sem exceção, chegam acompanhadas de uma



equipe. São, no mínimo, três pessoas por candidata, geralmente gays. Eles são responsáveis por organizar os detalhes da apresentação, segurar o figurino e adereços, retocar maquiagem.

O público local era majoritariamente homossexual, contando com a presença maciça de jovens gays, travestis, drag queens e sujeitos trans em geral. Observei também a presença de muitas mulheres héteros, algumas delas rodeadas por várias pessoas e sempre rodeadas por admiradores pedindo para tirar uma foto. Somente depois fui saber que eram rainhas famosas de quadrilhas juninas cearenses.

Diferente do Miss Caipira Gay, o Destaque Fequajuce¹⁰, embora seja um concurso que existe há mais tempo, não se trata de uma competição exclusiva de performances trans. Assim, foi possível notar certa heterogeneidade no público espectador. Vi crianças, idosos e torcidas de grupos juninos de cidades do interior também. No Destaque Fequajuce geralmente a maior expectativa gira em torno das apresentações e da escolha da melhor rainha¹¹, a qual costuma ser a última categoria da noite. No entanto, desta vez, percebi grande expectativa em torno da escolha da rainha da diversidade ou rainha gay¹², mesmo sendo apenas o segundo ano em que esta categoria passou a ser disputada.

Na ocasião, são avaliados figurino, coreografia e conjunto. O júri, ou comissão julgadora, é composto por rainhas heteros, membros do cenário junino, de quadrilhas, federações, e um representante trans. Observei que o júri, em ambos os casos, possuía um profissional da dança e/ou teatro reconhecido no estado (bailarinos, atores), o/a presidente da entidade promotora do concurso, uma rainha “verdadeira”, um sujeito trans (drag queen, travesti, transexual), e uma pessoa reconhecida no São João local. Indiscutivelmente, a nota mais comemorada e aguardada por parte das candidatas era a atribuída pela rainha hétero, haja vista que

[...] além de já ter tido sua beleza legitimada em importantes concursos anteriores, a jurada é uma mulher percebida como biologicamente detentora do direito ao gênero feminino, uma mulher “de verdade” que, supostamente, possui maior legitimidade para julgar os quesitos mais apreciados neste tipo de certame: o amadurecimento coreográfico das candidatas e, principalmente, sua beleza física e seu grau de feminilidade. Portanto, mais do

¹⁰ O Destaque Fequajuce ocorreu no último sábado do mês de maio no Clube 360, localizado à Avenida Osório de Paiva, 2000, Fortaleza-Ceará.

¹¹ As Rainhas G não costumam exercer, de fato, o posto de rainha nos grupos de quadrilha. Tornam-se rainhas exclusivamente por ocasião desses concursos. Entre elas, costumam se reportar às rainhas das quadrilhas como “Rainhas de Verdade”, “Rainhas Verdadeiras” ou mesmo “Rainhas Héteros”. Por ora, utilizarei essas mesmas categorias postas em movimento pelos sujeitos da pesquisa.

¹² Quando me reporto à Rainha da Diversidade, Rainha Gay e/ou Rainha G refiro-me praticamente à mesma coisa. Tanto nas redes sociais quanto por meio da entrevista que realizei a Rainha Caipira Gay 2015, as três expressões são evocadas indiscriminadamente para aludir às performances trans nesses concursos.



que um título de beleza e uma avaliação positiva por suas competências como dançarinas, o prêmio almejado por gays, travestis e pessoas “trans” é o reconhecimento da assunção de uma feminilidade idealizada performativamente (NOLETO, 2014, p.98)

Os figurinos utilizados pelas candidatas não destoam daqueles tradicionalmente utilizados pelas mulheres nas apresentações das quadrilhas juninas. São vestidos com muitas aplicações de bordados e pedrarias, ajustados ao corpo até a altura do quadril, a partir de onde começa a saia, bem armada, não muito longa¹³. A saia é um item indispensável na apresentação das rainhas, na medida em que ela integra parte estruturante do espetáculo coreografado. Embora eu fale de vestido, trata-se, na verdade, de um composto de partes independentes: uma parte superior e outra inferior. A parte superior irei nomear de busto e a inferior de saia.

Um dos momentos mais aguardados na apresentação de uma rainha, G ou hétero, ocorre quando a mesma realiza o peão, passo de dança em que a mesma gira ininterruptamente e sucessivas vezes pelo espaço da apresentação. A platéia vai à loucura quando presencia um peão bem executado e duradouro. A rainha articula neste passo uma postura impecável, coluna ereta, queixo levantado, olhar fixo que acompanha o movimento de cabeça, responsável por garantir o equilíbrio a cada giro, e um ballet articulado das mãos e braços, que ora estão à beira de tocar a saia, ora estão dispostos completamente abertos paralelos ao chão, ora estão por sobre a cabeça das rainhas numa posição quase perpendicular ao chão. As saias contam com grande quantidade de anáguas, véus e tecidos embaixo dela, o que costuma conferir uma aparência estruturada às mesmas. Algumas são produzidas com espumas e arames. As rainhas gays costumam mandar confeccionar seus vestidos ou alugar e/ou pedir emprestado o figurino usado por alguma rainha famosa¹⁴.

A trilha sonora, cenário e quaisquer outros itens a mais utilizados pelas rainhas durante a apresentação da performance são de responsabilidade delas providenciar. São cerca de três minutos de apresentação. Observei que todas buscam utilizar algum adereço nas apresentações: guarda-chuvas, bandeiras, leques, fitas de cetim. Posteriormente, pude notar que esses mesmos adereços figuram também nas apresentações das rainhas héteros nas quadrilhas juninas.

¹³ Uma característica das saias da maioria dos grupos no Ceará é que elas são, em geral, mais curtas, não chegando nem até a altura do joelho.

¹⁴ Na pesquisa realizada por Noletto (2014) sobre os concursos de Miss Caipira Gay e Miss Caipira Mix, realizados em Belém, no Pará, as candidatas realizam suas performances com fantasias outras que, não necessariamente, estão ligadas às festas juninas, lançando mão de indumentárias que hidridizam religiões de matriz africana, folclore e cultura popular em geral. Aqui isso não acontece.



O que chama a atenção não é somente a existência de um grupo formado só por e/ou para travestis. É importante observar que os maiores grupos juninos do estado já incorporaram tais sujeitos no seu “elenco de brincantes quadrilheiros” há algum tempo. Não há, contudo, um consenso em relação à participação dos mesmos. Em meio às federações e no circuito oficial dos festivais juninos, não há restrição explícita sobre isso, mas inúmeras falas, inclusive de jurados, afirmavam que a participação de travestis¹⁵ nas quadrilhas poderia prejudicar sua avaliação para fins de premiação. Assim,

[...] é necessário problematizar o fato de que esta visibilidade homossexual masculina e “trans” é toda regulamentada por convenções de moralidade que não rompem com o pressuposto heterossexual subsumido nos enredos dançados nas festas juninas, ou seja, coreografias que ressaltam a heterossexualidade, o casamento e a religiosidade cristã (NOLETO, 2014, p.84)

Ainda não é possível afirmar, como o faz Green (2000), que essas “manifestações públicas ousadas de inversão de gênero eram (são) temporárias e restritas ao momento da folia” (p. 331), da festa junina. O que se pode supor, de início, é que elas apresentam certas características de reforço de padrões vigentes do que é considerado feminino e masculino.

4. A construção de uma rainha junina gay: o caso Adriana Séfora

No dia seguinte à realização do Miss Caipira Gay 2015, contactei, através das redes sociais, Jefferson Braz, o performer da vencedora do concurso, a Diva Adriana Séfora. Jefferson não mora em Fortaleza, mas no município de Baturité. É um jovem, homossexual, de vinte e dois anos, professor de dança numa escola municipal e brincante da Quadrilha Cheiro da Terra, também de sua cidade. Marcamos nossa entrevista para a semana seguinte, um sábado à tarde, no centro social comunitário de Baturité, a partir das quinze horas, antes do começo do ensaio da quadrilha na qual ele dançava. Confesso que a primeira impressão que tive ao encontrá-lo foi de surpresa. Ele não me lembrava em nada a personagem que eu vira se apresentar há pouco mais de uma semana; busquei em seu corpo qualquer sinal e/ou traço da tão aflorada feminilidade de outrora, e nada. Olhei fixamente em seu rosto à procura de algum sinal e fiquei totalmente embaralhada. Se, conforme afirma Le Breton

¹⁵ Algumas vezes, durante as entrevistas que realizei durante a dissertação, mesmo sem eu realizar perguntas direcionadas a essa questão, os interlocutores me surpreendiam questionando se eu tinha atentado para o fato da grande presença de “homens travestidos de mulheres”, querendo “tomar o lugar” das mulheres na quadrilha junina. As falas evidenciavam, dentre outros, a afirmação de Louro (2013, p.15) de que “treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam”, acabando por construir rótulos que visam fixar as identidades, perdendo de vista que as identidades, também elas, são transitórias, processuais.



(2011), “o rosto é a parte do corpo mais individualizada, a mais singularizada, é a cifra da pessoa” (p.67), Jefferson e Adriana se evidenciaram ali, para mim, como duas pessoas distintas, talvez pelo fato de que “nas condições habituais da vida, o corpo é transparente ao ator que o habita. Ele desliza com fluidez de uma tarefa a outra, adota gestuais socialmente aceitáveis, faz-se permeável aos dados do ambiente por meio de um tecido contínuo de sensações.” (LE BRETON, 2011, p. 147)

Jefferson me contou que dança em quadrilhas juninas há cerca de nove anos, sempre no papel de cavalheiro, mas que há apenas três anos passou a performar Adriana Séfora nos concursos de Rainha Gay, o que o fez alçar a uma condição de visibilidade e fama no mundo junino outrora inimaginável se tivesse permanecido exclusivamente como quadrilheiro homem de qualquer grupo. “Adriana Séfora tem fama, chegou num patamar que fugiu do meu controle. Eu vou dançar com a minha quadrilha e as pessoas me reconhecem pela altura e gritam: Adriana! Adriana!”¹⁶, afirmou ele. Ainda assim, como mencionado, noutro momento deste trabalho, a performance trans empreendida por esse sujeito ocorre até pouco antes do início dos festivais de quadrilha junina, na medida em que o mesmo continua a desempenhar a função de cavalheiro dentro de seu grupo junino.

Para meu interlocutor, tudo começou quando ele passou a ser requisitado pelos presidentes dos grupos de quadrilha para preparar a rainha, desde a montagem da coreografia solo a ser executada por ela, até a criação de “trejeitos” femininos, a fim de que se diferenciasse das demais rainhas. Parece contraditório, um homem ensinando uma mulher a ser mais feminina, mas essa é uma tônica na festa junina. Homossexuais homens são os maiores assessores, coreógrafos, maquiadores e preparadores de rainhas héteros do São João. “O que seriam delas sem os gays?”, enfatizou ele. Para Jefferson, os concursos de rainha G se tornaram lócus de observação e produção de tendências no mundo junino, sobretudo entre as rainhas hétero.

Ele afirma que, a partir de então, vários convites surgiram para participar dos concursos Gay, mas que foi um processo muito difícil para ele “se assumir como um transformista, por que eu não sou travesti. Eu não quero ser mulher, nem pretendo dançar na quadrilha como mulher. Tem a diferença.”. Nessa fala é possível observar uma recusa à denominação e/ou uma identidade travesti, na medida em que esta é evocada de modo pejorativo, inferior, associando, possivelmente, a travestilidade a uma degradação moral (BARBOSA, 2010).

¹⁶ “A partir de janeiro já começam os convites (para fazer presença VIP, participar de eventos) [...] Rainha G tomou uma proporção tão grande que é uma empresa hoje em dia. Hoje em dia a Adriana tem uma assessora que fecha as agendas pra ela dançar, os locais onde ela vai dançar, se apresentar; tem bailarinos [...]”



A diferença das rainhas gays pra rainha hétero é que elas efetuam a coreografia de uma forma que as rainhas héteros não conseguem efetuar. A coordenação motora parece que é melhor. Claro que tem as rainhas G que não tem tanta coordenação motora e não efetuam tanto assim, mas, tipo, você não vê uma rainha (hétero) fazendo uma cambret de coluna daquela forma, daquela que a gente fez, que algumas fizeram, de descer e quase encostar a peruca no chão. Você não vê. E quando faz é penalizada, porque isso não é passo de rainha tradicional, isso é passo de travesti, entendeu?

Assim, na medida em que se reconhece a travestilidade em sua multiplicidade de vivências ligadas à construção e desconstrução dos corpos (PELÚCIO, 2009), que extrapolam a realização da cirurgia de redesignação genital, a ambivalência de um modo de ser supostamente feminino que não se desvencilha, por completo, de um corpo e um *ethos* supostamente masculino (BENEDETTI, 2005), parece igualmente embaralhar os sistemas classificatórios de gênero do meu entrevistado. Mesmo as travestis, na opinião dele, refletindo mais feminilidade em virtude das mudanças no corpo realizadas,

Eu não gosto de dançar como mulher na quadrilha. É só esse personagem pra esse concurso. Eu danço como homem normal. Agora, existem as transformistas, que elas não são travestis, elas são realmente transformistas, mas que dançam de mulher. [...] a maioria tem o prazer de ser mulher é tão grande, que elas se vestem de mulher, querem ser mulher, fazem operação, viram mulheres, mas continuam travestis, porque uma vez homem, você é homem, né! (Grifo meu)

As falas, dentre outras, revelam certa essencialização da noção de gênero, identidade e orientação sexual. Por diversos momentos, durante a entrevista, fui interpelada sobre minha familiaridade com o cenário de espetáculos trans em casas noturnas, se eu conhecia aquele meio. Em vários momentos também ele se referia a si mesmo como “ela”¹⁷. Ele também fez questão de enfatizar que não fazia shows em boates e casas de shows, mas que Adriana Séfora era uma criação do São João e para o São João.

Quando questionado sobre a relação entre as rainhas héteros e as rainhas Gay, ele me informou que toda rainha G possui uma rainha inspiradora hétero, inclusive, esta é uma informação que deve constar na ficha de inscrição nos concurso: “Rainha Inspiradora”. A inspiração vai desde o nome adotado pela rainha G até a execução de determinados passos próprios e/ou criados pelas rainhas héteros.

¹⁷ [...] eu tinha sido ovacionado pela torcida. Eu, não; ela (Adriana Séfora)



Eu arrisco dizer que elas vão lhe dizer que o que seria delas se não fossem as rainhas gays ou um amigo gay perto dela pra produzir ela, maquiá-la, pra ensinar o que ela vai fazer. (histórias) de até melhores amigos de rainhas héteros para rainha G. [...] Você vai ver como todas vão dizer: “Sem os gays nós não somos nada.”. Tipo, Adriana Séfora vem de Adriana Dias (rainha da Quadrilha Junina Babaçu), e Séfora vem da nossa rainha (da Quadrilha Cheiro da Terra). Agora, assim, a nossa inspiração é a Adriana Dias, Em todo concurso, lá embaixo da ficha tem RAINHA INSPIRAÇÃO. Aí você tem que colocar.

Jefferson afirma que os concursos de Rainha G têm grande apelo junto ao público espectador e põe em evidência a visibilidade que tais eventos geram às participantes. Para ele, sem esse tipo de concurso, jamais se poderia esperar que as performances trans tivessem ganhado espaço no meio junino a ponto de equiparar a importância de uma Rainha G a uma Rainha Hétero.

Você chegar num lugar e todo mundo esperar por você, sendo uma rainha gay, uma rainha G? Se fosse uma Adriana Dias, se fosse uma Taylane Kelly, se fosse uma Pâmela Mota, tudo bem. Mas uma rainha G? Um homem que se veste de mulher? Isso era impossível de imaginar.

Outra questão merece destaque em seu discurso, na medida em que se observa certa mudança no paradigma de “quem inspira quem”. O entrevistado menciona por diversas vezes que as rainhas hétero passaram a incorporar muitos sinais e práticas das performances trans, o que, segundo ele, é prejudicial para as rainhas héteros, na medida em que as mulheres, portadoras de uma feminilidade natural, passam imitar a “feminilidade falsa”, forjada, das mulheres trans.

As mulheres héteros são as “rachas”. Hoje em dia elas estão se portando como gays. Aí fica difícil, ne?! Tipo, usando as gírias “Ai, mona!”, uma mulher falando “mona”, “bicha”, com gírias de gays. Às vezes, elas próprias pedem “Quero essa maquiagem igual a tua, mona!”. Fica difícil, porque é uma polêmica, mas ao mesmo tempo, quando essa polêmica parte da própria mulher fica difícil de você contornar a situação. [...] Agora nós somos as inspirações delas. Tem rainha que vai pra assistir e ver o que a gente tá fazendo pra fazer igual. Isso também vale pra maquiagem, pra todo esse processo. Isso é bom pra gente? É! Poxa vida, ela quer fazer mesmo aquela maquiagem que eu fiz? Ela quer usar isso que eu usei? É verdade? Nossa, que massa! O ego sobe lá pro último grau. Mas isso é prejudicial pra ela porque as polêmicas aparecem, os jurados, às vezes, não gostam, porque eles são muito criteriosos. Uma maquiagem mal feita, uma maquiagem gay numa rainha que é hetero prejudica, perde ponto.

A produção de uma rainha, G ou hétero, envolve muitos gastos financeiros. Diferente das rainhas hétero, sobretudo as mais famosas, que, na maioria das vezes, tem toda a sua indumentária



“bancada” pela quadrilha, as rainhas G empreendem esforços individuais para a sua própria produção, desde a maquiagem até o figurino, contando com apoio dos amigos quadrilheiros e de patrocínios. Segundo ele, sua última produção gastou em torno de quatro mil reais, o que o faz associar que, com o dinheiro gasto em suas inúmeras produções, já poderia ter adquirido uma casa ou um terreno em seu município. Tal aspecto é um elemento que dificulta a participação de mais rainhas G nas competições. Para ele, a grande polêmica de uma quadrilha ser ou não estilizada não está relacionada à tradição ou à modernidade, mas ao montante de dinheiro que circula para a produção daquele grupo junino. Assim, “quanto mais dinheiro, mais estilizada é.”

Quando questionado sobre o que o dava mais prazer, se dançar como Adriana ou como Jefferson, a resposta foi enfática:

Não, o mesmo prazer não é. Porque o prazer de você dançar como rapaz é o prazer de você ser um quadrilheiro normal, aquele amor que toda pessoa tem, que é muito forte. Quem dança quadrilha sabe que você se arrepia, você chora. Agora, você dançar de rainha... Rainha é o que? É o ícone! Quando você entra na quadra e todo mundo gritando pra você, a sensação é realmente muito melhor, muito prazeroso. [...] tem uma coisa que entra nela que eu não tenho, que é feminilidade. Tem rainhas G que não são femininas. Eu considero a Adriana Sefora feminina. Tem pessoas que me vêem (como Jefferson) que nem acreditam. Quando eu me visto de Adriana é uma mulher. [...] Até o tom de voz muda. É uma mulher, a partir dali é uma mulher. se você for notar, tudo é de mulher, os trejeitos, até a piscadinha do olho. [...] até isso é preciso ensaiar... Mas quando bota a peruca, bota a maquiagem, tudo flui, é uma mulher. A forma de andar, de desfilar.

Mesmo diante de tanta visibilidade, há certos códigos proibitivos nos festejos juninos que, ainda que não proibam, empreendem uma discriminação simbólica no tocante à participação de Rainhas Gays no papel de destaque dado às Rainhas Héteros dentro da apresentação dos grupos de quadrilha junina.

Não é nem que tá proibido, não existe isso. Mas se uma rainha chegar lá gay, vai ter a sua penalidadezinha bem direitinho, porque uma rainha é pra ser hétero, não tem que ser gay. Agora, quando eles decretarem essa lei de que rainha pode ser gay, aí você vai ver o São João pegar fogo, porque vai uma querer pegar e matar a outra.

Finalizei a entrevista perguntando sobre como ele via o processo de transformação do Jefferson em Adriana, que, se possível, ele pudesse me descrever as etapas mais marcantes, bem como as marcas



impressas no seu corpo que o ajudam a visualizar essa metamorfose. Ele me disse que, em virtude dos procedimentos necessários à transformação, já pensou em parar inúmeras vezes, porque

[...] é muito cansativo, eu soffro... Minha sobrancelha é baixa e eu tenho que cobrir com base de unha pra fazer uma nova. Não sou louco de raspar como as meninas fazem, neh, mas já raspei. Naquele vestido azul, a minha sobrancelha tava raspada. Só que eu encontrei uma maquiadora que não me faz sofrer. A gente envolve a cabeça com fita adesiva grossa e transparente, ela prende o nosso sangue da gente e isso faz muito mal. E aí vem cola maluca na sua pele na peruca, porque depende muito do maquiador, fora todos os grampos e o peso de três perucas na sua cabeça, fora o arranjo. Na primeira vez que eu me montei, minha cabeça sangrava, em carne viva. Até conhecer a Chiara, que ela me mostrou um lado menos doloroso, que é (uso de) esparadrapo. A diferença é que não prende o sangue, mas ele gruda mais, mas ele quebra todo o cabelo. Esse cabelo quebrado aqui é da Adriana. Quebra todo o cabelo, fere também, mas não fere tanto. Aí com cola de isopor você põe o velcro macho, aquele que gruda, em cima do esparadrapo, não é na sua pele. Antes a gente colocava na pele, grudava e arrancava com tudo. Aí, põe a peruca e tá seguro.

O caso de Jefferson pode ser um indicativo que ratifica a afirmação de Butler (2013) de que

[...] os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta. Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória. (p.154)

5. Considerações finais

Alguns pontos merecem destaque diante do quadro empírico ora evidenciado. O primeiro diz respeito ao fato de que as performances trans nos festejos juninos ratificam o pressuposto teórico de que, sim, todas as identidades de gênero são instáveis e encerram possibilidades de agência e subversão por parte dos indivíduos, isso porque não estamos falando de uma simples encenação de um processo histórico em constante devir. A instabilidade dos binarismos assentados na lógica homem-macho e mulher-fêmea e gay e hétero confirmam o paradoxo do gênero nas festas juninas: as performances trans só devem ser consideradas subversivas quando puserem em xeque esses mesmos binarismos (e por que cobrar apenas dessas pessoas as subversões e não dos héteros?) e não quando o reforçarem. Se não são de todo subversivas, pois não permitem a descaracterização da díade masculino/feminino, explícita por meio das coreografias e indumentárias (NOLETO, 2014), ao menos os desestabilizam.



Reconheço que estou diante de um território de disputas e tensões, o qual envolve Rainhas Gay, Rainhas Héteros, quadrilheiros, público espectador, jurados, dentre outros. Falta-me ampliar o rol de interlocutores a fim de captar tais tensões. Observei também certa imprecisão dos próprios sujeitos, bem como dos quadrilheiros em geral, quanto ao modo de se reportar às pessoas “trans” (travestis, transexuais, *drag queens*, *drag kings*, *crossdressers* e transgêneros, conforme Bento (2012)). Parece ser este um desafio próximo ou mesmo um comprovante da fluidez das identidades e da diversidade dos modos de vivenciar o gênero, para além de definições mais instrumentais acerca do próprio conceito de identidades “trans”.

Os concursos de Rainhas G colocam no centro da festa a legitimação pública da feminilidade e da visibilidade de sujeitos trans, na medida em que

[...] homossexuais, travestis e pessoas “trans” (e não apenas aqueles que disputam os concursos, mas aqueles que assistem aos concursos) têm um momento ritualizado no qual são autorizados pelos poderes públicos a assumir um protagonismo que reconfigura os sentidos desses espaços ocupados, destituindo-os de seus “detentores” rotineiros e de seus significados cotidianos (desterritorializando-os) e dando-lhes novos “donos”, novos usos e uma nova semântica (reterritorializando-os). (NOLETO, 2014, p.103)

Parece inegável o espaço conquistado e ocupado pelos sujeitos trans na festa junina. Sua participação se realiza de modo ativo, quer como espectadores, quer como brincantes, quer como produtores do espetáculo. Outras categorias, portanto, ainda podem ser postas em movimento a fim de desnudar esta realidade frente a novos horizontes possíveis de serem traçados.

Referências

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. Fragmentos do discurso cultural: por uma análise crítica do discurso sobre a cultura no Brasil. IN: NUSSBAUMER, Gisele (org.) *Teorias e políticas da cultura*. Salvador: EDUFBA, 2007.
- BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Trad. Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (p.151-172)
- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- _____. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. *Debate Feminista*, v. 18, octubre, 1998.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2000.



_____. *Culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CHIANCA, Luciana de Oliveira. O auxílio luxuoso da sanfona: tradição, espetáculo e mídia nos concursos de quadrilhas juninas. *Revista Observatório Itaú Cultural*, N. 14 (mai. 2013). São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

COELHO, Juliana Frota da Justa. Descortinando a cidade: a “Montagem” da Fortaleza “Babado”. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 176-189, ago/dez. 2010.

_____. *Bastidores e estreias: performers trans e boates gays “abalando” a cidade*. Fortaleza, 2009. 156f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-Ce, 2009.

CSORDAS, Thomas J. *Corpo / Significado / Cura*. Trad. José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CUCHE, Denny. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.

GREEN, James Naylor. *A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Trad. Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Trad. Fábio dos Santos Creder Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Trad. Luís Alberto Salton Peretti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LIGIÉRO, Zeca (Org.). *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (p. 7-34)

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 7, n. 1-2, p. 681-693, 1999.

NOLETO, Rafael da Silva. “Brilham estrelas de São João!”: notas sobre os concursos de “Miss Caipira Gay” e “Miss Caipira Mix” em Belém (PA). *Revista Latinoamericana Sexualidad, Salud y Sociedad*. n. 18, dez./2014. (p.74-110).

SALIH, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Trad. Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Trad. Fabiano de Moraes. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. *O vôo da beleza: travestilidade e devir minoritário*, 2005. 308f. Tese. (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-Ce, 2005.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. (p.35-82)

